

# ★ CASA INVADIDA, ARTE (RE)INVENTADA

## Beatriz Abreu

Formada em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itapetininga. Pós-Graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Estrangeira, pelo Centro Universitário Internacional, e mestranda em Artes da Cena na Escola Superior de Artes Célia Helena, sob orientação da Profa. Dra. Liana Ferraz. Desde 2015, leciona Língua Portuguesa numa escola da rede SESI-SP, onde criou o projeto didático Trocas Literárias, que une Literatura Clássica e Artes da Cena. Escritora luso-brasileira, residiu 10 anos em Portugal e, em 2021, lançou o livro *Cansei de ser delegacia*.

### Palavras-chave

Casa.  
Cortázar.  
Bachelard.  
Stanislávski.  
Covid-19.

**Resumo:** Este artigo utiliza o conto “Casa Tomada”, do escritor argentino Júlio Cortázar, como escopo de discussão. Além disso, relaciona conceitos de Gastón Bachelard e Constantin Stanislávski para falar de “casa” e seus elementos arte-políticos. Exemplifica os temas abordados, a partir de produções artísticas divulgadas em redes sociais durante a pandemia da Covid-19, sobretudo no Instagram. Trata do direito à moradia como responsabilidade social.

### Keywords

House.  
Cortázar.  
Bachelard.  
Stanislavski.  
Covid-19.

**Abstract:** This article uses the short story “Casa Tomada”, by the Argentine writer Júlio Cortázar, as a scope of discussion. In addition, it relates concepts by Gastón Bachelard and Constantin Stanislavski to speak of “home” and its art-political elements. It exemplifies the topics covered, based on artistic productions published on social networks during the Covid-19 pandemic, especially on Instagram. It deals with the right to housing as a social responsibility.

### Introdução

Desde março de 2020, quando a atenção da mídia brasileira se voltou para a propagação do coronavírus, o conselho “Fique em casa” ganhou espaço nas telas, nas páginas e nos diálogos. O confinamento, fortemente recomendado por autoridades médicas, ainda repercute nas formas de interação humana, que precisou contar cada vez mais com aparatos tecnológicos. As linguagens artísticas reinventaram-se: o hibridismo permeia o universo cênico. Lives em redes sociais, como o Instagram, tornaram-se um marco das relações

digitais ao longo da pandemia. Além disso, vídeos acerca da rotina, gravados em aplicativos como o TikTok, alteraram o conteúdo divulgado nos perfis dos usuários.

Ao passo que a incerteza e o medo adentram as casas de milhões de famílias, a arte reinventa-se com a perspectiva de invadir lares com um sopro de alento, consciência e esperança. Somados aos problemas sanitários, o Brasil enfrenta uma crise política instaurada a partir de fake news, ódio e negacionismo. A agressividade verbal e atos contra a democracia ocuparam o país e as notícias que chegam às casas da população. Permanecer em casa tornou-se um desafio e, ao mesmo tempo, um compromisso. Sabe-se que muitos, lamentavel-

mente ignorados por representantes políticos, não usufruem o direito de se resguardar – necessitam de transportes públicos superlotados para se locomover ao local de trabalho e/ou estão em contato direto e intenso com o público; outros nem sequer possuem um teto. Nesse cenário perturbador, a arte não se reduz a passatempo – desempenha um papel relevante de denúncia e resistência.

Este artigo propõe um diálogo entre o conto “Casa Tomada”, de Júlio Cortázar, contextualizado à época da ditadura peronista, os conceitos poéticos de Gastón Bachelard, sobre a casa, e alguns elementos citados por Stanislávski em obras como “A preparação do ator” e “A construção do personagem”. O intuito não é limitar as ideias ao teatro, mas basear-se nos estudos do intelectual russo a fim de sugerir quatro elementos arte-políticos do espaço-lar: memória, criatividade, improvisado e adaptação. Trabalhos apresentados no Instagram e em outras plataformas digitais, como o projeto musical “Ô de Casas” – criada por Monica Salmaso, as leituras performativas de “Luto(a)” e a peça virtual “Onde estão mãos, esta noite” (Direção de Moacir Chaves, dramaturgia de Juliana Leite e atuação de Karen Coelho), servirão como exemplos para as proposições feitas.

### **Conexões entre “Casa tomada” e elementos arte-políticos do espaço-lar**

Meu quintal é maior do que o mundo.  
 (Manoel de Barros)

O conto fantástico “Casa Tomada”, do argentino Júlio Cortázar, narra a história de dois irmãos que vivem juntos e, gradualmente, sentem o seu domicílio ser invadido. Ao longo do enredo, os personagens limitam-se aos espaços ainda vazios da residência – até que são obrigados a abandoná-la por completo. Tal necessidade mostra-se pungente, visto que existem relações de afeto pelo lar. No início do texto, lê-se “Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (...), guardava as recorda-

ções de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância.” (CORTÁZAR, 1986, p. 11, grifo nosso) Assim, a casa constitui-se lugar de registros visuais e psíquicos que concernem a aspectos familiares e a reminiscências. Tem-se, portanto, o primeiro elemento artístico tratado neste artigo: a memória. “Casa” é o espaço físico onde a história de um indivíduo ou de um pequeno núcleo social se acomoda. Segundo Gastón Bachelard,

Alguns valores de imagens guardados em lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (BACHELARD, 1978, p. 201)

De fato, todas as casas habitadas por um sujeito tornam-se parte inerente ao seu passado e despertam-lhe emoções e sentimentos. Constantin Stanislávski, ao fazer registros acerca da “memória das emoções”, aponta que “O tempo é um esplêndido filtro para os nossos [sic] sentimentos evocados. (...) é um grande artista. Ele não só purifica, mas também transmuta em poesia até mesmo as lembranças dolorosamente realistas.” (STANISLÁVSKI, 2020, p. 213, grifo do autor) Com o passar do tempo, as lembranças ficam impressas, também, nas paredes, nos cantos de cada cômodo e nas formas dos objetos. Bachelard observa:

Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos estão aí “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das “casas”, dos “apartamentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas. (BACHELARD, 1978, p. 197)

A não-linearidade da memória reforça o caráter poético das imagens, uma vez que não possui compromisso com a sequência cronológica dos fatos. Logo, as casas narram uma biografia romancada – há um entrelaçamento entre realidade e ficção, objetividade e subjetividade. O universo onírico encontra morada nos compartimentos do lar e da mente, desde o “faz de conta” até os desvios existenciais que acometem a trajetória humana. É em casa que o indivíduo dá os primeiros sinais de outro elemento artístico – a imaginação. Em suas anotações, Stanisłávski escreve:

- A imaginação cria coisas que podem existir ou acontecer, ao passo que a fantasia inventa coisas que não existem, nunca existiram nem existirão. E, no entanto, quem sabe talvez um dia elas passem a existir. Quando a fantasia criou o tapete mágico, quem iria pensar que nós um dia estaríamos voando através do espaço? Tanto a fantasia quanto a imaginação são indispensáveis para o pintor.
- E para o ator? – perguntou Paulo.
- O que é que você acha? (...) Nesse processo criador a imaginação o conduz. (STANISLAVSKI, 2020. pp. 88, 89)

Referenciada a importância da imaginação, nota-se a sua presença desde a infância: nas brincadeiras, seres inventados ganham voz, expressão e ação; na falta de uma cabana de camping, utilizam-se cabos de vassoura e lençol, à medida que a sala, o quarto ou o quintal tornam-se o cenário propício para o alojamento improvisado; a terra do jardim transforma-se em bolo de chocolate e, se não houver terra nem jardim, o “nada” ganha cor, cheiro e textura. Na fase adulta, a casa recebe uma porção de soluções improvisadas, seja no que diz respeito à elétrica, hidráulica ou funcionalidades de objetos. Dessa forma, o improvisado dá palco à imaginação e à originalidade. Na obra *A Construção da Personagem*, encontra-se o apontamento: “(...) o inesperado<sup>1</sup> e o improvisado são sempre o melhor impulso para a criatividade”. (STANISLAVSKI, 2001,

p. 178, grifo nosso) Logo, o improvisado constitui-se como o terceiro elemento artístico do espaço-lar. Casa, portanto, transpassa a sua atribuição de residência a fim de acolher processos criativos e interpessoais.

Em “Casa Tomada”, o narrador expõe a rotina de limpeza e afazeres domésticos cumpridos por ele e sua irmã, que estreitavam seus laços sanguíneos:

Habitamo-nos, Irene e eu, a permanecer nela sozinhos (...). Fazíamos a limpeza pela manhã (...). Almoçávamos ao meio-dia, (...) então não ficava nada por fazer além de uns poucos pratos sujos. Era para nós agradável almoçar pensando na casa ampla e silenciosa e em como nos bastávamos para mantê-la limpa. Às vezes chegamos a pensar que foi ela que não nos deixou casar. (...). Entramos nos quarenta anos com a inexprimível ideia de que o nosso, simples e silencioso matrimônio de irmãos, era o fim necessário da genealogia fundada por nossos bisavós em nossa casa. (CORTÁZAR, 1986, p.11)

As relações entre os que habitam a mesma casa carregam questões de ordem privada. Enquanto hábitos de procedência antepassada reforçam as tradições familiares, tarefas de praxe fazem surgir rituais de convivência. A interação adquire contornos informais e espontâneos típicos do cotidiano – que, muitas vezes, verificam-se atemporais: mesmo que um indivíduo passe a viver sozinho, é comum que ainda disponha da naturalidade coloquial com pessoas que, durante algum tempo, fizeram parte de seu convívio diário.

A pandemia da Covid-19, causada pelo SARS-CoV-2, trouxe novos hábitos de higiene, além de afetar profundamente as relações humanas. O confinamento em massa foi recomendado pelas autoridades de saúde e por governos que demonstram alguma responsabilidade ao lidar com a situação. As pessoas permanecem – ou deveriam permanecer – mais tempo em casa e o home office foi adotado como forma segura de trabalho<sup>2</sup>. As famílias que

vivem sob o mesmo teto experienciaram os desafios da convivência integral. Durante os primeiros meses da chamada “quarentena”, diversos usuários de redes sociais, como o Instagram e o TikTok, compartilharam a rotina através de fotografias e vídeos, por vezes humorísticos. Atividades corriqueiras como limpar a casa e cozinhar transformaram-se em conteúdo digital. Lives variadas, exibidas tanto por anônimos quanto por celebridades, propagaram-se rapidamente como um fenômeno tecnológico diretamente vinculado ao período pandêmico.

A série “Ô DE CASAS”, criada em março de 2020 por Mônica Salmaso, reúne músicos convidados pela cantora, a fim de que, juntos, interpretem canções brasileiras. Nomes como Guinga, Vanessa Moreno, Teresa Cristina, Mestrinho e Edu Lobo marcaram presença. Os 150 vídeos já produzidos<sup>3</sup> podem ser encontrados no Instagram – nos perfis oficiais @monicasalmasooficial<sup>4</sup> e @\_o\_de\_casas<sup>5</sup> –, e no YouTube, através do canal de Monica Salmaso<sup>6</sup>. Os encontros ocorrem com distanciamento – cada artista executa a peça musical em sua casa – e, com o auxílio de gravações e técnicas de edição, os vídeos são compartilhados com o público. Os espetáculos possuem elementos tipicamente caseiros: além do cenário e da produção intimista, o tom aconchegante, hospitaleiro e amistoso – próprio de quem recebe amigos em seu lar – reverbera a cada apresentação invade as casas de quem ouve e assiste, transmitindo sensação de acolhimento. A partir de agosto de 2020, Salmaso publicou em seu Instagram o “Ô DE CASAS EM PANOS, FIOS E PONTOS”. Trata-se de um projeto criado por artistas que decidiram bordar episódios do projeto musical, desenhando conexões entre a arte e o universo domiciliar. Os bordados podem ser apreciados no perfil @bordandoodecasas<sup>7</sup>. A dialogicidade dos trabalhos evidencia a ação do sensível e como a tecnologia possibilitou aproximar artistas e público, gerando uma recepção mais ativa e, em alguns casos, simultânea. Os projetos citados tratam as interseções entre música, performance, tecnologia e artesanato, além de se fazerem valer

dos elementos artísticos tratados até aqui: memória – inclusive afetiva, criatividade – imaginação em sons e linhas, e improviso – durante as apresentações e na união de música e artesanato. Além destas, Stanislávski fala também sobre adaptação:

“De agora em diante usaremos essa palavra (...) para significar tanto os meios humanos internos quanto externos, que as pessoas usam para se ajustarem umas às outras, numa variedade de relações e, também, como auxílio para afetar um objeto. (STANISLAVSKI, 2020, p. 268, grifo do autor)

Foi necessário adaptar-se às novas maneiras de fazer e apresentar arte. Os versos de Manoel de Barros parecem traduzir a essência da circunstância: “Porque eu não sou da informática:/ eu sou da invencionática./ Só uso a palavra para compor meus silêncios.” (BARROS, 2015, p. 149) Assim como Salmaso, muitos artistas ressignificaram objetos como celular, tablet, computador, câmera e microfone. Outros adquiriram e/ou aprenderam a utilizar equipamentos, como tripé e ring light, e programas de edição de vídeo. Companhias de teatro, performers, profissionais da dança e do circo, além de músicos, apropriaram-se de plataformas digitais como Zoom e Google Meet, para citar apenas alguns exemplos. A suspensão de eventos presenciais em teatros e espaços de cultura levou diversos espetáculos para o meio virtual – o que, além de dar exemplo quanto a seguir as recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde) – proporcionou uma reelaboração na forma de se fazer e apreciar arte. A peça “Onde estão as mãos, esta noite”, sob direção de Moacir Chaves, texto de Juliana Leite e atuação de Karen Coelho, estreou em março de 2020 e destacou-se como um grande sucesso de repercussão internacional. O enredo trata sobre o isolamento, a partir das divagações de uma mulher confinada. A personagem narra a sua rotina numa tentativa de se descobrir viva, apesar da distância com o mundo externo. Ao passo que estabelece contiguidade entre as

relações sociais interrompidas e a subjetividade, provoca, no público, um sentimento de identificação. De um espaço intimista, mais precisamente, a sala de casa, surge um relato cotidiano atravessado por solidão, insegurança e silêncio. A memória dos tempos em que o contato físico era possível e corriqueiro permeia a obra e questiona qualcura é necessária – se a do vírus, a da humanidade ou ambas. Além disso, numa anamnese histórica, remete a outras situações nas quais esconder-se era o que garantia a sobrevivência da espécie. (PORTAL DE NOTÍCIAS SOPA CULTURAL, 2021, on-line). O processo criativo durou aproximadamente dois meses, conforme informações encontradas no perfil @ondeestaoasmaos<sup>8</sup> no Instagram, e demandou imaginação e improviso, afinal, espaços e objetos domésticos transformaram-se em cênicos: sala de estar, plantas, abajur, mesa, telefone, taça de vinho, porta; ao passo que uma pequena webcam serviu como foco. Para tanto, foi necessário repensá-los e redescobri-los. O enquadramento da câmera, que não permite uma visão do todo – diferente do que ocorreria num palco – foi assumido como um espelho defeituoso cujo reflexo e campo de visão é somente parcial. Tal recurso permitiu ao público imaginar as arestas de fora, enquanto estamos enclausurados em nosso universo interior. (AZEVEDO, 2020). O trabalho de adaptação não se limitou à mera transposição dos palcos para as telas, mas exigiu uma pesquisa acerca da dramaturgia, atuação e recepção em tempos pandêmicos. Os gestos ora contínuos, ora paralisados, evidenciam o ritmo cadenciado e interrompido dos dias pandêmicos. O conceito de tempo também sofreu adaptações: enquanto o passado mostra-se nostálgico, o presente funde-se à vontade e à incerteza do futuro. Ademais, o ser humano, tão habituado a se concentrar na imagem e vida alheias, passou pela crua adequação de habitar a si próprio: sua pessoa, seu corpo, sua casa. De modo poético, Bachelard diz que “A casa (...) mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma.” (BACHELARD, 1978, p. 201) A reinvenção da

arte faz-se necessária para que um sopro de alívio e esperança invada as casas, como um respiro em meio ao caos instaurado pelas crises política e sanitária.

Contudo, a arte não renuncia o seu papel de denúncia social e resistência frente a um governo que ataca a cultura e a vida. O cantor e compositor Chico César rebateu o pedido de um seguidor, o qual sugeriu que o músico evitasse canções “de cunho político ideológico”. Segue a resposta do artista:

(...) por favor, todas as minhas canções são de cunho político- ideológico!! Não me peça um absurdo desse, não me peça para silenciar, não me peça pra [sic] morrer calado. Não é por “eles”. É por mim, meu espírito pede isso. E está no comando. Respeite, ou saia. Não veja, não escute. Não tente controlar o vento. Não pense que (...) a fúria luta contra as opressões pode ser controlada. Eu sou parte dessa fúria. Não sou seu entretenimento, sou o fio da espada da história feito músico peçoço dos fascistas. E dos neutros. Não conte comigo para niná- lo. Não vim botar você pra [sic] dormir, aqui estou para acordar os dormentes. (CÉSAR, 2021<sup>9</sup>.)

A arte é um exercício político capaz de mobilizar a sociedade. Portanto, não surpreende que, diante do aumento considerável de infecções e mortes pelo coronavírus, tenha sido publicada a Portaria nº 124, de 4 de março de 2021, limitando os recursos da Lei de Incentivo à Cultura, conforme fica evidente no Art. 1º:

Considerando as diversas medidas de restrições de locomoção e de atividades econômicas, decretadas por estados e municípios, só serão analisadas e publicadas no Diário Oficial da União as propostas culturais, que envolvam interação presencial com o público, cujo local de execução não esteja em ente federativo em que haja restrição de circulação, toque de recolher, lockdown ou outras ações que impeçam a execução do projeto. (BRASIL, 2021. p. 142, on-line, grifo nosso)

O governo Bolsonaro tem-se mostrado inimigo de toda forma de expressão e pensamento críticos. Desde sua candidatura, o presidente e os seus apoiadores invadem as casas da nação brasileira por meio de fake news e discursos de ódio. Ao promover e participar de aglomerações – inclusive de cunho antidemocrático –, Jair Messias

Bolsonaro propaga o negacionismo e torna o risco de infecção pelo coronavírus mais iminente.

Em “Casa Tomada”, o narrador-personagem conta como se deu a invasão sorrateira e as ações que se seguiram a partir do acontecimento:

O som vinha impreciso e surdo, como o tombar de uma cadeira sobre o tapete ou um abafado murmúrio de conversação. E o ouvi, também, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que vinha daquelas peças até a porta. Atirei-me contra a porta antes que fosse demasiado tarde, fechei-a violentamente, apoiando meu corpo; felizmente a chave estava do nosso lado e, além disso, passei nessa porta o grande ferrolho para maior segurança. Fui então à cozinha, fervia água da chaleira e, quando voltei com a bandeja do mate, disse a Irene:

— Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte dos fundos. (CORTÁZAR, 1986, p. 14)

Na sequência, nota-se que os irmãos se limitaram aos cômodos vazios e adequaram a rotina de afazeres. É possível associar as reações e os sentimentos dos personagens aos vivenciados por grande parte da população que aderiu ao confinamento:

“Os primeiros dias nos pareceram penosos porque ambos tínhamos deixado muitas coisas que amávamos na parte tomada. (...) Mas também tivemos vantagens. A limpeza ficou tão simplificada (...). Irene estava contente porque lhe sobrava mais tempo para tricotar (...)” (Ibidem, p. 15)

Na trama, o cotidiano sucede calmo e monótono, até que, numa determinada noite, ruídos geraram a constatação de que os invasores estavam cada vez

mais próximos, como se observa nos trechos:

Ficamos ouvindo os ruídos, notando claramente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha e no banheiro, ou mesmo no corredor (...). Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta, sem olhar para trás. Os ruídos ficavam mais fortes, mas sempre abafados, às nossas costas. Fechei de um golpe a porta e ficamos no saguão. (...)

— Tomaram esta parte – disse Irene. (...) Estávamos com o que tínhamos no corpo. (...). (...) Cingi com meu braço a cintura de Irene (eu acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua. Antes de nos afastarmos senti tristeza, fechei bem a porta de entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada. (Ibidem, pp. 17,18)

Para escapar dos invasores, Irene e seu irmão abandonaram a casa. O contexto histórico do conto remete à ditadura militar que a Argentina viveu sob o poder de Juan Domingo Perón. A liberdade de expressão e a cultura foram cerceadas, como é típico em regimes totalitários. Através de suas obras literárias, Cortázar critica e delata os abusos cometidos na época, de modo que, assim como os invasores enigmáticos do conto, Perón e suas forças intimidaram, pressionaram e expulsaram os cidadãos de seus próprios lares. Cabe, aqui, o conceito do poeta francês: “(...) a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo.” (BACHELARD, 1978, p. 196) Sendo assim, o regime peronista encolheu e reprimiu as liberdades civis individuais. No Brasil contemporâneo, ante as tomadas funestas que dizem respeito à política e à saúde, ficar em casa é mais do que cuidado – é posicionamento. Novamente, as redes sociais têm servido de suporte para manifestações populares e processos criativos. No Instagram, o perfil @luto\_luta<sup>10</sup> apresenta o projeto de um grupo de artistas dispostos a “dar nomes aos números”. Num ato performativo dentro do ambiente doméstico, a partir de uma ambientação fúnebre e ritualística,

acendem uma vela e gravam a leitura dos nomes e das descrições de vítimas da Covid-19. Há, nesse trabalho, dor, respeito e denúncia. Além disso, percebe-se o emprego dos elementos arte-políticos do espaço-lar, resgatando a memória – afinal não são meros dados estatísticos, mas vidas e histórias perdidas –, a criatividade, o improviso e a adaptação.

“Se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1978, p. 201). Contudo, nem todos os brasileiros têm uma casa. Quando as esferas municipal, estadual e federal usurpam o direito humano básico à moradia, tiram a licença do sonho – substituindo-a pela aspereza do concreto, como fez a Prefeitura de São Paulo ao instalar pedras sob viadutos para afastar indigentes. (G1 SP, 2021, on-line.) Num país cuja população de rua ultrapassou a marca de 200 mil pessoas, segundo o IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, (IPEA, 2020, on-line) “residir” sob um tetocarrega uma responsabilidade social. Mais do que habitar, é preciso resistir e reinventar – sobretudo pelos que não podem fazê-lo – para invadir as casas dos brasileiros com lufadas de ar fresco, apesar desta atmosfera apneica.

### Conclusão

O confinamento em massa, também chamado de “isolamento” ou quarentena”, apesar de criticado pelo Presidente da República, estabeleceu-se como um dos modos mais eficazes para a contenção do novo coronavírus. A casa, portanto, tornou-se espaço de convivência, tarefas corriqueiras, trabalho e manifestações artísticas. A partir das ideias de Bachelard, nota-se que o lar possui forte relevância no processo de formação do indivíduo. De forma poética, o autor registra o quanto as lembranças e os afetos são permeados pelas casas já habitadas. O narrador-personagem do conto “Casa Tomada”, de Júlio Cortázar, cita o carinho e os laços que ele e a irmã nutrem pela residência, confirmando, assim,

as ideias de Bachelard. Já Stanislávski, ao escrever as obras “A preparação do ator” e “A construção da personagem” enumera alguns aspectos relevantes para a linguagem cênica. Este artigo, selecionou quatro elementos, aos quais chamou de arte-políticos, e que estão associados à casa: memória, criatividade, improviso e adaptação.

A menção a alguns trabalhos artísticos desenvolvidos no Instagram e Zoom durante o período pandêmico, como os encontrados nos perfis @monicasalmasooficial, @\_o\_de\_casas, @bordandoodecasas, @luto\_luta e @ondeestaoasmãos dialogou tanto com as referências teóricas de Bachelard e Stanislavski, quanto com as circunstâncias sanitárias e políticas enfrentadas pelo Brasil. A contextualização de “Casa Tomada” – a saber, a ditadura de Perón – atravessa a realidade brasileira sob uma ideologia que avança contra a democracia. O posicionamento de Chico César reafirmou o caráter político da arte – que não deve se limitar ao entretenimento alienante. Diante dos ataques à cultura e à vida, feitos e apoiados pelo Governo Federal, a casa enquanto espaço poético adquire, também, função social de reinvenção.

Assim, nota-se que a discussão ultrapassa a superficialidade de questionar se lives, de fato, espetáculos musicais ou performáticos ou se teatro que não acontece ao vivo é realmente teatro. Vivemos a experiência antitética de valorizar através da perda. Contudo, a privação faz efervescer a capacidade de potência criativa. Na ausência de liberdade, abraços, contato, pele, palcos, a arte demonstrou-se imprescindível num movimento de inspirar e expirar – o que falta: vida, esperança e fé, e o que sobra: morte, indignação e medo. Em vez de nos apegarmos a aspectos meramente puristas e a uma memória nostálgica de um falso “normal”, a adaptação aos tempos e aos formatos\ permite a dialogicidade entre o humano e o tecnológico, já liquefeitos e fusionados desde a Revolução Industrial. A aproximação entre artistas e público tornou-se mais efetiva: seja através de comentários em postagens ou debates pós-espetáculo, como os

que ocorreram em “Onde estão as mãos, esta noite”. A imaginação faz-se ainda mais presente quando não se possui a visão do todo e não se dispõe de todos os aparatos para a construção de um cenário tradicional. Simultaneamente, o improvisado atravessa as ações –o isolamento acústico caseiro não inibe as conversas vizinhas, os latidos e os ronc dos motores, de modo que passam a fazer parte da apresentação. Reinventar a arte significa entender que não é possível controlá-la, pois está a favor das circunstâncias – tempo, espaço e condições escorrem das mãos.

Além disso, é relevante perceber que as Artes da Cena não sucumbem à decodificação e tradução da vida. A poesia reside na urgência, na necessidade, no prazer. Habita no hibridismo das plataformas sociais e da voz humana, da estaticidade e do gesto,

do silêncio e do som que, em tempos de pandemia e negacionismo, necessita de um grito, muitas vezes, mudo, para expressar a angústia, o desejo e o caos. O caráter poético acompanha a ausência da interação, ressignifica o vazio e provoca a consciência. A Arte faz identificar quem, neste país, entende a casa como possibilidade de segurança, cuidado e civilidade, e quem, por outro lado, ataca os direitos essenciais e usurpa o Brasil – que deveria ser o lar de todas e todos nascidos e/ou acolhidos por este solo – a fim de torná-lo uma morada insalubre. As linguagens artísticas, assim como a História, registrarão na memória nacional os fatídicos dias vividos sob uma política de extermínio, em que um futuro saudável parece imaginação. Para isso, improvamos maneiras de combater o poder mazelado. Afinal, adaptar-se a ele não é uma opção. ☆

#### Referências

- AZEVEDO, Amilton. Das lacunas entre gesto e angústia. **Ruína acesa**. São Paulo, 11 de jun. 2020. Disponível em: <<https://ruinaacesa.com.br/onde-estao-as-maos/>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- BACHELARD, Gastón. A poética do espaço. In: (org.). **Os pensadores**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al). São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp. 180-354.
- BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 149.
- BORDANDOODECASAS. Ô de casas em panos, fios. 2020. @bordandoodecasas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bordandoodecasas/>>. Acesso em 20 de mar de 2021).
- BRASIL. Portaria nº 124, de 4 de março de 2021. Estabelece normas para o direcionamento dos recursos da lei de incentivo à cultura no período pandêmico. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 5 de mar. de 2021. Seção: 1p. 142.
- CÉSAR, Chico. **Pisadinha**. 2021. @oficialchicocesar. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJlxDn0B-ku/>>. Acesso em 20 de mar. de 2021.)
- CORTÁZAR, Júlio. Casa Tomada. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Bestiário**. Tradução (revista) de Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. pp. 9-18.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **População em situação de rua cresce e fica mais exposta à Covid-19**. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=35811](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811)>. Acesso em 29 de mar. de 2021.
- LUTO(A). **luto\_luta**. 2020. @luto\_luta. Disponível em: <[https://www.instagram.com/luto\\_luta/](https://www.instagram.com/luto_luta/)>. Acesso em 21 de mar. de 2021.
- GESTÃO Covas instala pedras sob viadutos na Zona Leste de SP, mas retira após acusações de higienismo. **G1 SP** – São Paulo, 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/02/02/gestao-covas-instala-pedras-sob-viadutos-na-zona-leste-de-sp-e-retira-apos-acusacoes-de-higienismo.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.
- ONDEESTAOASMAOS. **Onde estão as mãos**. 2020. @ondeestaoasmaos. Disponível em: <<https://www.instagram.com/ondeestaoasmaos/>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.
- ONDE estão as mãos, esta noite’, com Karen Coelho, direção Moacir Chaves. **PORTALDE NOTÍCIAS SOPA CULTURAL** – Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.sopacultural.com/teatro-e-danca/onde-estao-as-maos-esta-noite-com-karen-coelho-direcao-moacir-chaves/>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- \_O\_DE\_CASAS. Ô de Casas**. 2020. @\_o\_de\_casas. Disponível em: <[https://www.instagram.com/\\_o\\_de\\_casas/](https://www.instagram.com/_o_de_casas/)>. Acesso em: 30 de mar. de 2021.
- SALMASO, Monica. **Monica Salmaso**. 2019. @monicasalmasooficial. Disponível em: <<https://www.instagram.com/monicasalmasooficial/>>. Acesso em 30 de mar. de 2021.
- SALMASO, Monica. **Monica Salmaso**. YouTube. Canal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MonicaSalmasoOficial/videos>>. Acesso em 30 de mar. de 2021.
- STANISLAVSKI, Constantin. Vestir a personagem. In: (org.) **A construção da personagem**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 35-48.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

- 1 Valendo-se do termo empregado por Stanisłáwski, surge o questionamento: Quem esperava que os dias, a partir de 2020 – quando a pandemia da Covid-19 se alastrou pelo mundo –, fossem tão atípicos?
- 2 Em contrapartida, muitos trabalhadores – especialmente advindos das camadas economicamente desfavorecidas – não tiveram a opção do resguardo. Continuaram expostos a aglomerações e, conseqüentemente, ao vírus. O home office firmou-se como um privilégio de classe
- 3 Até a data de 31 de março de 2021.
- 4 (Disponível em: <<https://www.instagram.com/monicasalmasooficial/>>. Acesso em: março de 2021.)
- 5 (Disponível em: <[https://www.instagram.com/\\_o\\_de\\_casas/](https://www.instagram.com/_o_de_casas/)>. Acesso em: março de 2021.)
- 6 (Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MonicaSalmasoOficial/videos>>. Acesso em março de 2021)
- 7 (Disponível em: <<https://www.instagram.com/bordandoodecasas/>>. Acesso em março de 2021). É interessante lembrar que na história de Cortázar, a personagem feminina também executa uma atividade manual, de certa forma, análoga ao bordado – o tricot. (CORTÁZAR, 1986, p.12)
- 8 (Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJlxDn0B-ku/>>. Acesso em março de 2021.
- 9 (Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJlxDn0B-ku/>>. Acesso em março de 2021.
- 10 (Disponível em: <[https://www.instagram.com/luto\\_luta/](https://www.instagram.com/luto_luta/)>. Acesso em março de 2021.)